

AVALIACAO DA CRIATIVIDADE DE ALUNOS POR PROFESSORES

Eunice M. L. Soriano de Alencar
Universidade de Brasília
Brasil

RESUMO. Neste estudo, investigou-se a extensão em que professores da escola elementar brasileira eram capazes de discriminar entre alunos mais e menos criativos. A amostra foi constituída de 791 alunos de 4a. e 5a. séries de Brasília que responderam ao Teste Torrance de Pensamento Criativo no segundo semestre de 1972. As correlações obtidas entre a avaliação da criatividade do aluno pelo professor e a performance criativa dos mesmos em testes de criatividade não foram significantes. Esses resultados podem ser explicados pela pouca ênfase que se dá nas escolas brasileiras ao desenvolvimento do pensamento divergente do aluno.

ABSTRACT. In this study the extent to which Brazilian elementary school teachers were able to discriminate between high and low creative pupils was investigated. The sample was 791 fourth- and fifth-grade pupils from Brasília, D.F., who took the Torrance Test of Creative Thinking – figural and verbal – in the second semester, 1972. The results showed no significant relationship between the teacher's evaluation of the pupils' creativity and the pupils' performance on the creativity tests. These results might be explained by the neglect on the part of Brazilian teachers to develop the children's divergent thinking abilities.

Muito se fala em criatividade atualmente. Esta área que durante muito tempo foi completamente ignorada pela literatura de Psicologia, tornou-se um dos tópicos que maior atenção tem recebido por parte de psicólogos e educadores que passaram a perceber a sua importância como condição básica para o progresso em qualquer área e como a característica humana mais importante no processo de introduzir inovações.

E opinião geral (Demos e Gowan, 1967; Guilford, 1967; Torrance e Myers, 1970) que criatividade é uma característica fundamentalmente inerente à natureza humana, uma potencialidade presente em todos por ocasião do nascimento, mas que é inibida ou destruída caso o indivíduo não encontre um ambiente que a favoreça, que permita a sua manifestação, que a aceite e valorize.

Embora a influência dos pais seja muito grande no desenvolvimento cognitivo da criança nos primeiros anos de vida, pouco se pode fazer sistematicamente no sentido de treiná-los em seu papel de estimular e facilitar o desenvolvimento cognitivo da criança, incluindo aqui o desenvolvimento da inteligência e da criatividade. Com o desenvolvimento crescente da Psicologia Infantil, é possível que muito em breve currículos com ativi-

dade a serem utilizadas pelos pais com os seus filhos pequenos sejam distribuídos e cursos sejam oferecidos especialmente com o objetivo de treinar os pais em sua tarefa de estimular o desenvolvimento da inteligência e da criatividade de seus filhos. Isto já vem acontecendo em alguns países, onde se tem discutido possíveis aplicações de currículos a serem usados pelos pais com recém-nascidos desde o primeiro mês (Williams, 1971; Williams e Barber, 1971).

No momento atual, o que se tem enfatizado mais é o papel da escola como agência para treinamento de criatividade. Parece ser opinião geral entre educadores que o aluno não deve ser considerado um simples receptor e transmissor de informações, muitas delas já inadequadas diante dos grandes progressos ocorridos e dos novos conhecimentos emergentes nos diferentes campos, mas deve ser treinado também a pensar e a produzir idéias melhores e mais produtivas. A idéia de que a tarefa principal do aluno é a de selecionar as respostas corretas no "banco mental", onde fatos memorizados se acumulam tem sido criticada por um número crescente de educadores, os quais tem enfatizado a necessidade de desenvolver também outras habilidades intelectuais do aluno, como pensamento divergente e avaliação.

Entretanto, embora teoricamente se reconheça a importância de se estimular o aluno na produção de idéias e na utilização de diferentes tipos de operações intelectuais, pouco se tem feito sistematicamente no sentido de treinar os professores do curso elementar na utilização de procedimentos que permitam o alcance deste objetivo. Isto tem refletido no tipo de procedimentos utilizados e nos objetivos que o professor se propõe a alcançar. Todos eles se prendem a um programa extenso que têm a cumprir e, quando questionados a respeito do que fazem para estimular o desenvolvimento da criatividade de seus alunos, replicam que não se podem dar ao luxo de desenvolver tais aspectos devido ao pouco tempo que o aluno permanece na escola e ao programa extenso a cumprir. Existe ainda entre muitos deles a idéia errônea de que o pensamento criativo ocorre apenas nas atividades artísticas, cabendo ao professor de arte o seu desenvolvimento.

Pesquisadores americanos nesta área tem se preocupado com as quedas observadas na criatividade do aluno à medida que aumenta o número de anos de escolaridade. Torrance (1965) observou, por exemplo, que alta criatividade na infância não assegura alta criatividade na vida adulta. Sua experiência mostrou que muitas crianças criativas em um ano (especialmente meninos) não demonstravam o mesmo grau de criatividade no ano seguinte. Este fenômeno de grandes quedas na criatividade, o que foi observado principalmente em suas amostras de 4a. e 7a. séries, é explicado por ele em termos de pressões grupais e outras pressões sociais, como

sanções existentes contra alunos que têm o hábito de fazer muitas perguntas ao professor, associação entre divergência e anormalidade, restrições à manifestação de fantasia e curiosidade. Seus estudos interculturais (Torrance, 1965), através da aplicação de testes de pensamento criativo em amostras de diferentes culturas, mostraram que a curva de desenvolvimento da criatividade toma diferentes formas em diferentes países, dependendo da maneira como a cultura trata as manifestações de curiosidade e as necessidades criativas de seus habitantes.

E o objetivo deste trabalho investigar a extensão em que professores da escola elementar são capazes de discriminar entre alunos mais e menos criativos de acordo com os seus resultados em testes de criatividade.

Este aspecto é importante, uma vez que a efetividade da escola em seu papel de ajudar os seus alunos a desenvolver e manifestar o seu potencial criativo vai depender da atitude do professor com relação à criatividade e sua expressão em seus alunos. Recentes pesquisas (Torrance, 1962, 1963, 1966) sugerem que professores são capazes de avaliar as habilidades criativas de seus alunos quando descrições adequadas do comportamento criativo são apresentadas. Verificou-se que alunos considerados pelos professores como mais fluentes, mais flexíveis e originais, dimensões estas referentes a diferentes aspectos do pensamento criativo, e aqueles considerados como menos fluentes, menos flexíveis e menos originais, foram também diferenciados através de resultados nos Testes Torrance de Pensamento Criativo. Também Torrance e Gupta (1964) verificaram que professores da 4a. série eram capazes de diferenciar alunos com maior grau de fluência, flexibilidade e originalidade. Entretanto, Rush, Denny e Ives (1967) verificaram que professores apresentavam baixo acordo com resultados em testes de criatividade de alunos de 6a. série.

PROCEDIMENTO

Amostra

A amostra consistiu de 791 alunos de 4a. e 5a. séries, de 24 classes de escolas públicas e particulares, situadas na Asa Sul de Brasília, que responderam aos testes de criatividade no 2a. semestre de 1972.

Testes de Criatividade

Os seguintes testes, escolhidos dentre os Testes de Pensamento Criativo de Torrance, verbal e não verbal, Forma A (Torrance, 1966) foram usados: 1. Linhas; 2. Usos Inusuais; 3. Completação de Figura; 4. Aperfeiçoamento de Produto.

No teste "Linhas", o aluno recebe uma série de linhas paralelas e é instruído a fazer o maior número de objetos ou de desenhos diferentes com elas. Em "Usos Inusuais", o aluno deve dar o maior número possível de

usos novos e inusuais para latas. Em “Completação de Figuras”, o aluno recebe 10 figuras incompletas e é instruído a completar cada uma delas. Em “Aperfeiçoamento de Produto”, pede-se a ele a produção de maneiras inteligentes e incomuns de aperfeiçoar um pequeno brinquedo. As crianças são encorajadas em todos os testes a apresentar idéias ou respostas que não sejam dadas pelos seus colegas.

Cada um dos quatro testes foi avaliado nas categorias de fluência, flexibilidade e originalidade, usando-se os procedimentos recomendados por Torrance (1966). Fluência é o número total de respostas relevantes, relevância sendo definida em termos dos requisitos das tarefas como apresentadas nas instruções. Flexibilidade é o número total de diferentes categorias em que as respostas dos sujeitos podem ser classificadas. Originalidade se baseia na raridade estatística das idéias expressas. A raridade estatística é a frequência de ocorrência das respostas na população de respostas. Escores de 0, 1, 2 e 3 foram dados dependendo da originalidade da resposta. Os escores de originalidade foram baseados na raridade estatística da amostra estudada. Uma amostra randômica de 400 sujeitos foi usada com este propósito.

No final do segundo semestre, pediu-se aos professores desses alunos para avaliar a sua criatividade a fim de investigar a sua habilidade em identificar os alunos mais e menos criativos de suas classes. Com esse propósito, foi utilizada uma tradução da “Folha de Avaliação da Criatividade pelo Professor” de Torrance (1966). Neste instrumento, pede-se ao professor para enumerar os 5 alunos mais fluentes e menos fluentes de sua classe, os 5 alunos mais e menos flexíveis, os 5 alunos mais e menos originais, os 5 melhores alunos na elaboração de idéias e os 5 alunos menos hábeis na elaboração de idéias.

RESULTADOS E DISCUSSAO

A fim de investigar a relação entre a avaliação da criatividade do aluno pelo professor e os seus resultados em testes de criatividade, correlações Pearson foram calculadas entre a avaliação da fluência, flexibilidade e originalidade do aluno pelo professor e seu resultado em cada uma dessas categorias nos testes de criatividade. Os resultados são apresentados na Tabela 1.

Esses resultados indicam que nenhuma correlação obtida foi significativa no nível .05. Isto significa que os professores não foram capazes de identificar os seus alunos mais e menos criativos de acordo com os seus resultados em testes de criatividade. Muitos professores, ao receberem a folha de avaliação, já haviam manifestado dificuldade em responder a este tipo de pergunta, uma vez que em seu contato com alunos a preocupação maior

TABELA 1

Correlação Pearson entre a Avaliação do Professor e a
Performance dos Alunos nos Testes de Criatividade

<u>Linhas (não-verbal)</u>			<u>Completção de figuras (não-verbal)</u>		
Fluência	Flexibilidade	Originalidade	Fluência	Flexibilidade	Originalidade
-.04	-.02	-.06	-.11	-.06	-.11
<u>Usos Inusuais (verbal)</u>			<u>Aperfeiçoamento de produto(verbal)</u>		
Fluência	Flexibilidade	Originalidade	Fluência	Flexibilidade	Originalidade
-.04	-.05	-.01	-.07	-.10	-.06

era com respeito à transmissão, assimilação e verificação do conhecimento por parte dos mesmos.

Isto reflete mais uma vez o que já foi observado em estudos anteriores (Alencar, in press), a respeito da inexistência de um interesse em conhecer os alunos mais criativos ou em fornecer o tipo de clima educacional que facilite o seu desenvolvimento e expressão.

A fim de que este aspecto seja também enfatizado nas escolas de Brasília, é necessário um reexame dos objetivos educacionais propostos e mesmo uma mudança nos métodos tradicionais de ensino. Somente quando houver uma preocupação em utilizar métodos e princípios que estimulem a produção de novas idéias e que levem os alunos a apresentar produções criativas nas diferentes disciplinas é que o professor terá melhores condições de conhecer também esta dimensão do intelecto de seus alunos.

REFERENCIAS

- Alencar, E. M.L.S. *Um estudo de criatividade*. In press.
- Demos, G. D. e Gowan, J. C. Introduction. In Gowan, J. C., Demos, G. D. e Torrance, E. P., *Creativity. Its Educational Implications*. New York: John Wiley & Sons, 1967.
- Guilford, J. P. Potentiality for creativity. In Gowan, J. C., Demos, G. D. e Torrance, E. P., *Creativity. Its Educational Implications*. New York: John Wiley & Sons, 1967.
- Rush, R. R., Denny, D. A. e Ives, S. Fostering creativity in the sixth grade and its effect on achievement. *The Journal of Experimental Education*, 1967, 36, 80-86.
- Torrance, E. P. *Guiding Creative Talent*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1962.
- Torrance, E. P. *Education and the Creative Potential*. Minneapolis: University of Minnesota Research Bureau, 1963.
- Torrance, E. P. *Rewarding Creative Behavior. Experiments in Classroom Creativity*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1965.
- Torrance, E. P. *Torrance Tests of Creative Thinking. Norms-Technical Manual. Research Edition*. Princeton: Personnel Press, 1966.
- Torrance, E. P. Must creative development be left to chance? In Gowan, J. C., Demos, G. D. e Torrance, E. P., *Creativity. Its Educational Implications*. New York: John Wiley & Sons, 1967.
- Torrance, E. P. e Gupta, R. *Development and Evaluation of Recorded programmed Experiences in Creative Thinking in the Fourth Grade*. Minneapolis: University of Minnesota, Bureau of Educational Research, 1964.
- Torrance, E. P. e Myers, R. E. *Creative Learning and Teaching*. New York: Dodd Mead & Co., 1970.
- Williams, H. Possible applications of an infancy curriculum. *Character Potential*, 1971, 5, 163-165.
- Williams, H. e Barber, L. W. Description of an infancy curriculum for character development. *Character Potential*, 1971, 5, 99-106.